

Jean Michel Valandro

Licenciado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e respectivas Literaturas pela Universidade do Vale do Taquari - Univates, mestre em Educação, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
jeanmvalandro@gmail.com

Lucas George Wendt

Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade de Caxias do Sul - UCS, mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
lucas.george.wendt@gmail.com

A Terra como texto: Humboldt e os gestos inaugurais de uma geopoética

Resumo

Este texto tem como objetivo localizar, na literatura científica, elementos que contribuam para a construção de uma base interpretativa da dimensão geopoética presente na obra e nas atitudes de Alexander von Humboldt. Partimos da hipótese de que seu pensamento, atravessado pelo espírito do Romantismo, articula ciência, sensibilidade e estética de modo singular, abrindo caminhos para uma compreensão poética da Terra. Para isso, adotamos uma abordagem metodológica qualitativa, fundamentada no estudo de caso do autor e em uma revisão bibliográfica narrativa. A escolha dessas estratégias permite uma leitura aprofundada e sensível das contribuições humboldtianas, especialmente no que tange à maneira como o autor percebe, descreve e relaciona-se com a natureza. Influenciado por pensadores românticos como Goethe e Schelling, Humboldt propõe uma ciência que se aproxima da arte e da experiência estética, construindo uma escrita na qual os dados empíricos convivem com o lirismo e a admiração. Ao considerar a natureza como totalidade viva e interconectada, sua obra configura-se como uma cartografia sensível do mundo, em que o conhecimento emerge do espanto e da relação afetiva com o espaço. Assim, Humboldt pode ser compreendido não apenas como cientista, mas como um precursor do que hoje se nomeia geopoética.

Palavras-chave: Alexander von Humboldt, Geopoética, Naturalismo, Romantismo.

Abstract

THE EARTH AS TEXT: HUMBOLDT AND THE INAUGURAL GESTURES OF A GEOPOETICS

This paper aims to locate, in the scientific literature, elements that contribute to the construction of an interpretative basis for the geopoetic dimension present in the work and attitudes of Alexander von Humboldt. We start from the hypothesis that his thought, permeated by the spirit of Romanticism, articulates science, sensitivity and aesthetics in a unique way, opening paths for a poetic understanding of the Earth. To this end, we adopted a qualitative methodological approach, based on the author's case study and a narrative bibliographic review. The choice of these strategies allows for an in-depth and sensitive reading of Humboldt's contributions, especially with regard to the way in which the author perceives, describes and relates to nature. Influenced by Romantic thinkers such as Goethe and Schelling, Humboldt proposes a science that approaches art and aesthetic experience, constructing a writing in which empirical data coexists with lyricism and admiration. By considering nature as a living and interconnected totality, his work is configured as a sensitive cartography of the world, in which knowledge emerges from amazement and an emotional relationship with the space. Thus, Humboldt can be understood not only as a scientist, but as a precursor of what is now called geopoetics.

Key-words: Alexander von Humboldt, Geopoetics, Naturalism, Romanticism.

1. Primeiras conjecturas

Alexander von Humboldt (1769–1859) foi um naturalista, geógrafo e explorador alemão, considerado um dos pais da Geografia moderna e da Ecologia. Realizou extensas expedições científicas, principalmente na América do Sul, América Central e México, entre 1799 e 1804, onde estudou a fauna, a flora, a geologia e o clima das regiões.

Ao longo do século XIX, poucos nomes tiveram tanto impacto na forma de compreender a natureza quanto Alexander von Humboldt. Sua obra ultrapassa os limites disciplinares convencionais e propõe uma visão integradora da Terra, marcada pela interdependência entre os seres e os elementos do mundo natural. Em vez de uma ciência fria e fragmentada, sua escrita evoca um mundo vivo, dinâmico e interligado por forças que operam tanto no plano físico quanto no sensível.

Essa perspectiva singular, que se expressa em obras como *Kosmos* e nos relatos de viagem à América equinocial, revela uma sensibilidade científica que parece antecipar modos de pensamento contemporâneos,

como a geografia crítica e, mais recentemente, a geopoética. Embora o termo “geopoética” só venha a se consolidar séculos depois, notadamente com as contribuições de Kenneth White (1936-2023), há algo na forma como Humboldt descreve e relaciona-se com o espaço¹ que sugere um gesto poético no próprio ato de conhecer. Suas descrições não apenas informam, mas também emocionam, ressoam, constroem imagens e provocam um encantamento epistêmico que ultrapassa o dado empírico.

Dito de outra maneira, Humboldt transformou a forma como o mundo natural era visto, conectando diferentes áreas do conhecimento e demonstrando como tudo está simbioticamente ligado. Ele não via os organismos como entidades separadas, mas sim como parte de uma teia global de vida e força, além do que reconheceu também as correspondentes zonas climáticas cruzando os continentes: um conceito radical para a época.

Partindo-se dessa premissa, e a despeito de o conceito de “geopoética” ter sido formulado muito depois das pesquisas humboldtianas, questionamos: podem ser encontrados indícios de que Alexander von Humboldt entendia a natureza de forma geopoética? Sendo assim, o objetivo deste texto é tentar localizar, na literatura científica, elementos que contribuam e formem uma base para o desenvolvimento dessa compreensão geopoética na obra e nas atitudes de Humboldt.

É a partir desse horizonte que se constrói o interesse desta investigação. Ao buscar indícios dessa aproximação entre ciência e poética em sua escrita e em sua cosmologia intelectual, o presente texto pretende contribuir para o reconhecimento de Humboldt como um fundador da geografia moderna, e também como um precursor de formas mais afetivas e imaginativas de relação com o mundo – uma herança que se torna especialmente relevante diante das urgências contemporâneas de reconexão entre humanidade e natureza.

2. Aportes metodológicos: pesquisa e análise da teoria “geopoética” humboldtiana

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentando-se metodologicamente na combinação entre o estudo de caso e a

revisão bibliográfica narrativa. A escolha dessas estratégias se justifica pela natureza exploratória e interpretativa do trabalho, que visa a compreender as contribuições de Alexander von Humboldt no entrelaçamento entre ciência, sensibilidade e espaço, no horizonte do que se vem chamando de geopoética. Como afirma Stake (1995), o estudo de caso é apropriado quando se busca investigar, em profundidade e no contexto, um fenômeno singular – neste caso, o pensamento humboldtiano como um cenário teórico e sensível que se configura como um “caso” emblemático de articulação entre natureza e poética.

A opção por tratar Humboldt como um estudo de caso se ancora na ideia de que seu pensamento não apenas contribuiu para o campo das ciências naturais, mas também desdobrou um modo peculiar de compreender o mundo através de uma sensibilidade geográfica e estética. Segundo Yin (2015), o estudo de caso se justifica quando o pesquisador procura responder a questões do tipo “como” e “por quê”, especialmente quando há pouca separação entre o fenômeno e o contexto. Assim, Humboldt é um autor e, ao mesmo tempo, um campo de forças, um agente epistêmico que permite compreender a emergência de uma ciência poética do mundo.

Complementarmente, adota-se a revisão bibliográfica narrativa, que, diferentemente das revisões sistemáticas, permite uma aproximação interpretativa e ensaística das fontes, possibilitando ao pesquisador construir um percurso reflexivo mais livre e sensível às nuances do tema (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006). Essa modalidade de revisão se mostra especialmente adequada para campos interdisciplinares e emergentes, como a geopoética, em que os cruzamentos entre filosofia, literatura, geografia e epistemologia exigem flexibilidade e abertura na leitura dos textos. A narrativa bibliográfica, nesse sentido, atua como um fio condutor que costura sentidos, abrindo espaço para a escuta de vozes, imagens e conceitos em ressonância.

Tal escolha metodológica está alinhada à perspectiva de que o conhecimento não se dá apenas por acumulação de dados, mas também pela criação de sentidos e pela escuta atenta das experiências de mundo evocadas pelos textos. Como propõe Becker (1999), a pesquisa qualitativa compreende o sujeito e seu universo simbólico, sendo o conhecimento um processo de interpretação e diálogo com os significados produzidos social e historicamente. Nesse viés, Humboldt é lido não apenas como

um cientista, mas como um criador de mundos, cuja escrita nos convida a pensar formas outras de habitar e narrar a Terra.

Por fim, a articulação entre estudo de caso e revisão narrativa visa a honrar a complexidade e a riqueza do objeto de estudo, permitindo um mergulho profundo e sensível nas constelações de pensamento que se irradiam da obra humboldtiana. Ao invés de buscar a neutralidade ou a generalização, esta pesquisa assume sua natureza situada e singular, ecoando o convite de Denzin e Lincoln (2006) a pensar a pesquisa qualitativa como uma prática interpretativa que envolve escolhas éticas, estéticas e políticas. Assim, estudar Humboldt é também cartografar um contexto de pensamento, no qual ciência, arte e espaço se entrelaçam em busca de um outro modo de conhecer e sentir o mundo.

De maneira geral, este estudo de caso seguiu os seguintes passos, com base em Stake (1995) e Yin (2015): (a) **definição do objeto de estudo:** para este artigo, o objeto de estudo foi a obra e as atitudes de Alexander von Humboldt relacionadas à concepção de natureza, e poética, buscando compreender elementos que possam ser associados à atual geopoética, mesmo que esse termo não tenha sido usado por ele; (b) **revisão bibliográfica preliminar:** fizemos uma revisão narrativa da literatura científica sobre Humboldt, Romantismo, geopoética, e as conexões entre ciência, arte e natureza. Levantamos diversos textos clássicos e contemporâneos que discutem suas ideias e seus métodos, como os escritos de Kenneth White, Bertrand Westphal, e análises do Romantismo; (c) **seleção das fontes primárias e secundárias:** escolhemos obras originais de Humboldt relevantes para o estudo, como *Kosmos* e *Viagens à América*, além de traduções e comentários críticos. Utilizamos também textos acadêmicos que discutem sua influência no pensamento ambiental e poético; (d) **coleta, análise e contextualização dos dados:** lemos os textos selecionados, destacando trechos que expressam a visão integrada de Humboldt sobre a natureza, seu uso de linguagem poética, e suas conexões entre ciência e sensibilidade, analisando essas passagens buscando padrões, temas e conceitos que pudessem comprovar o diálogo com a geopoética; além disso, inserimos a análise no contexto do Romantismo, mostrando como as ideias de Humboldt dialogam com esse movimento e como ele antecipou preocupações da geopoética. Discutimos as influências e o ambiente intelectual da época para compreender melhor

o modo de pensar e agir de Humboldt; (f) **sistematização dos resultados:** os achados foram organizados em categorias temáticas, que aqui estão convenientemente representadas pelos títulos e subtítulos do referencial teórico: *Teorizando os estudos humboldtianos: uma poética das relações humano-espço:* versa especificamente sobre o panorama geral dos estudos de Humboldt, introduzindo alguns de seus ideais caros à perspectiva proposta neste artigo; *Humboldt e os ideais do Romantismo: influências no modus vivendi et operandi do pesquisador e consequentes impactos em sua pesquisa:* categoria na qual discorreremos sobre como o entorno sociocultural da época de Humboldt ajudou a moldar seus ideais enquanto civil e, também, enquanto pesquisador; *Conceituando geopoética: noções para entender o porquê tal conceito pode ter recebido contribuições de Humboldt:* nesta terceira e última categoria explicamos como a teoria de Humboldt pode ser compreendida como uma proto-geopoética, considerando a proximidade epistemológica de suas pesquisas com a geopoética defendida por Kenneth White; (g) **discussão e interpretação:** aprofundamos a interpretação dos resultados à luz dos referenciais teóricos da geopoética, refletindo sobre como Humboldt pode ser visto como um precursor desse campo; e (h) **Redação do estudo de caso:** escrevemos o texto final, articulando a fundamentação teórica, o contexto histórico, a análise dos dados e a discussão.

3. Teorizando os estudos humboldtianos: uma poética das relações humano-espço

Alexander von Humboldt transformou a percepção do mundo natural – como comentamos na introdução – ao articular saberes diversos em uma visão integrada da realidade. Para ele, os seres vivos não eram elementos isolados, mas nós entrelaçados em uma vasta teia de relações vitais que permeiam o planeta. Sua capacidade de identificar essa dinâmica, bem como diversas particularidades atinentes a ela, rompeu com as limitações do conhecimento da época, inaugurando uma compreensão inovadora sobre as conexões globais da natureza (WULF, 2016).

O pesquisador teve seu nome relacionado a diversas montanhas, rios, correntes oceânicas e espécies em homenagem a seu legado científico.

Sua visão da natureza como um sistema global interconectado (entre si e conosco) – tema que destacamos neste artigo – é relevante ainda hoje, especialmente no tocante a compreender e abordar as mudanças climáticas.

Figura 1

ALEXANDER VON HUMBOLDT SENTADO AO LADO DE UM GLOBO, COM O MANUSCRITO DE SUA OBRA, *KOSMOS*, EM RETRATO DE JOSEPH KARL STIELER².



Fonte: Reprodução da Wikimedia Commons (2025).

Compreender o espaço na concepção de Humboldt exige reconhecer sua natureza híbrida, situada entre o empírico e o intuitivo. Ele não é nem uma abstração pura, descolada da experiência, nem um dado bruto a ser apenas mensurado – uma *coisa em si* empírica (VITTE; SILVEIRA, 2010). Trata-se de um campo de relações dinâmicas, no qual os elementos

do mundo se revelam por meio de uma articulação sutil entre percepção sensível e organização mental. A razão, longe de ser descartada, atua como instrumento de ordenamento do real, mas não esgota sua complexidade: ela depende de uma tessitura mais profunda, de vínculos invisíveis que conectam os fenômenos a uma origem comum, a uma força que escapa ao controle lógico e se insinua tanto na natureza quanto na intuição. Nesse entrelaçamento, o espaço se torna manifestação viva de um cosmos relacional, aberto ao encantamento e ao pensamento (RICOTTA, 2003).

No que tange às suas contribuições científicas, Humboldt inventou as isotermas: linhas de temperatura e pressão que são usadas em mapas meteorológicos atuais e propôs a ideia de zonas de vegetação e clima que se espalham por todo o globo. Ele foi o pioneiro da “climatologia comparativa” e enxergava a natureza como uma força global com zonas climáticas correspondentes, o que influenciou nossa compreensão dos ecossistemas. O pesquisador também foi o primeiro a explicar a capacidade da floresta de enriquecer a atmosfera com umidade, seu efeito de resfriamento, a importância da retenção da água e a proteção contra a erosão do solo. Dentre muitas contribuições e pioneirismos científicos, com base na obra de Wulf (2016), destacam-se mais alguns.

Humboldt uniu os mundos cultural, biológico e físico, pintando um retrato de padrões globais. Ele não se concentrava em fatos isolados, mas sim em como conectá-los. Também tinha um grande interesse no geomagnetismo, que ele considerava uma força global. Ele incentivou cientistas de todo o mundo a coletar dados para entender mais sobre essa força. Humboldt democratizou a ciência, tornando-a acessível a pessoas de diferentes classes sociais. Ele acreditava que o conhecimento deveria ser compartilhado (WULF, 2016).

Humboldt inspirou e influenciou muitos cientistas de seu tempo e gerações posteriores, incluindo Charles Lyell (1797-1875), que aplicou as teorias de Humboldt sobre o clima em suas investigações geológicas. O naturalista opôs-se ao reducionismo, que se concentrava em detalhes em vez de uma visão global. Também foi o primeiro cientista a falar sobre as alterações climáticas nocivas ao ambiente causadas pelo homem. Ele alertou que os humanos estavam interferindo no clima, o que poderia ter um impacto imprevisível nas futuras gerações. Dito isso, vale considerarmos que na

[...] compreensão humboldtiana da natureza – Humboldt consolidou, confirmou e estabeleceu relações entre todos os dados que havia compilado ao longo de décadas. A comparação e não a descoberta era o seu Norte. Mais tarde, quando publicou em dois livros os resultados de sua expedição russa, ele escreveu sobre a destruição das florestas e das mudanças de longo prazo infligidas pelo homem ao meio ambiente. Quando listou as três maneiras pelas quais a espécie humana estava afetando o clima, Humboldt citou desmatamento, irrigação inclemente e, talvez de forma mais profética, as “grandes massas de vapor e gás” produzidas nos centros industriais. Ninguém antes dele havia se debruçado sobre a relação entre o gênero humano e natureza (WULF, 2016, p. 425).

Em suma, a teoria do conhecimento proposta por Alexander von Humboldt ergue-se sobre uma base em que razão e sensibilidade caminham lado a lado, recusando a fragmentação entre o sentir e o compreender. Sua maneira de pensar o mundo, profundamente atravessada por experiências vividas em expedições e pela escuta da paisagem³, delinea uma ciência que não se fecha em si, mas abre-se ao espanto, à beleza e ao inusitado. É nesse terreno fértil que se percebe a ressonância entre sua visão e os ideais do Romantismo, movimento cultural que também buscava reintegrar o humano à natureza e reconciliar os saberes com a dimensão do sublime. Ao explorar as conexões entre ciência, poesia, humanidade, medida e imaginação, Humboldt desenha uma episteme que antecipa modos de conhecer mais complexos e sensíveis – o que nos convida, neste momento, a examinar mais de perto suas afinidades com o pensamento romântico e os possíveis desdobramentos que se aproximam daquilo que, hoje, entendemos como geopoética.

*3.1 Humboldt e os ideais do Romantismo: influências do *modus vivendi et operandi* do pesquisador e consequentes impactos em sua pesquisa*

O pensamento de Alexander von Humboldt foi marcado pelo espírito do Romantismo, movimento cultural que, entre os séculos XVIII e XIX, buscava reconectar razão e sensibilidade, ciência e arte, natureza e imaginação. Humboldt partilha com os românticos a recusa de uma visão mecanicista e fragmentada do mundo, propondo, em vez disso, uma abordagem **unitária, estética e afetiva da natureza**. Como afirma Walls (2009), Humboldt reinventou a ciência como uma forma de arte, apostando numa escrita que não apenas descreve, mas **evoca e convoca**

a experiência sensível do mundo. Sua obra é, assim, um exercício de encantamento, um esforço de restituir à ciência o vínculo perdido com a beleza e o sublime.

Influenciado por autores como Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), Friedrich Schiller (1759-1805) e Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling (1775-1854), Humboldt partilhou da ideia de que a natureza é uma totalidade viva e dinâmica, na qual tudo está em relação. Essa visão holística distancia-se do empirismo estreito e aproxima-se de uma epistemologia poética, na qual o conhecimento é inseparável da experiência estética. Humboldt via na paisagem um objeto de observação e, ao mesmo tempo, uma obra de arte viva, capaz de tocar o sujeito e transformá-lo. Em suas próprias palavras, “a natureza deve ser sentida” (*Natur muss gefühlt werden*), uma máxima que sintetiza sua orientação sensível e imagética do saber. Sobre a influência desses autores na obra de Humboldt, podemos dizer que

[...] temos em Goethe uma perspectiva de busca do conhecimento da unidade da Natureza através das informações dadas pelos sentidos, sendo que este aparato sensível de captação daquilo que a Natureza “nos fala” é amplamente utilizado por Humboldt em sua visão estética de contemplação e intuição intelectual (intuição esta amplamente discutida por Schelling) como fundamento principiante na busca da gênese de leis para a explicação da distribuição espacial dos mais diferentes fenômenos (BAUAB, 2020, p. 132).

A influência romântica é visível também na forma como Humboldt concebe o ato de viajar e descrever o mundo. Seus relatos da América, por exemplo, não se limitam à coleta de dados e a medições, mas constroem narrativas de mundo, nas quais o ambiente é descrito com um lirismo que as aproxima da poesia. Como observa Pratt (1999), Humboldt é um dos precursores do que ela chama de relatos de viagem poético-científicos, nos quais ciência, emoção e literatura se entrelaçam. Sua escrita não é neutra: é movida por espanto, desejo e reverência, refletindo uma postura ético-estética diante da Terra.

É claro que, propondo um entendimento vanguardista das relações natureza-humano, que obviamente ia de encontro ao já consolidado academicamente, o naturalista temia que sua pesquisa pudesse não ser bem aceita em sua época mesmo porque o próprio Romantismo que o influenciava propunha sobrepor-se a correntes como o Neoclassicismo e

o Iluminismo. Nesse nexos, o próprio Humboldt, em sua obra *Quadros da natureza*, afirma que

nesta harmonia [entre humano e natureza] baseiam-se os mais nobres gozos que a natureza nos oferece. Em parte alguma nos comovemos mais com o sentimento de sua grandeza, em parte alguma nos fala a voz mais poderosa do que sob o céu da Índia segundo a designação vulgar do clima da zona tórrida, nos primeiros séculos da Idade Média. Atrevo-me a esperar, por conseguinte, que a Academia em si se mostrará indiferente ao encanto particular que em si contém uma nova descrição de tais regiões. A recordação de um país distante e abundante em todos os dons da Natureza, o aspecto de uma vegetação livre e vigorosa, reanimam e fortificam o espírito; oprimidos pelo presente, deleitamo-nos em fugir dele para gozar dessa singela grandeza que caracteriza a infância do gênero humano (HUMBOLDT, 1957, p. 212).

Considerando o dito até o momento, Humboldt manifesta, de forma clara, uma afinidade com os ideais que permeiam o Romantismo, especialmente no que diz respeito à maneira como o artista sensível relaciona-se com a Natureza. Para ele, essa relação não se limita à observação externa, mas traduz-se numa experiência interna e profunda, quase mística, através da qual o sujeito se entrega às impressões e sensações emanadas pelo mundo natural. É como se houvesse uma fusão entre o espírito humano e a Natureza, uma abertura para que o interior capture e reproduza a essência do cosmos (BAUAB, 2020). Podemos perceber essa forma de pensar retratada em escritos do próprio Humboldt, em sua obra *Cartas americanas*, traduzidas para o espanhol na década de 1980, cujo fragmento está apresentado abaixo.

A despeito das massas de montanhas e dos mares e, mais elevada e profunda ainda do que eles, da evocação de uma natureza quase assombrosamente viva, entre os dias de hoje e aquele tempo; a despeito dos mil fenômenos e imagens que ocupam meus sentidos, o novo logo tomava-se familiar, e o que parecia exteriormente desconhecido adaptava-se facilmente às antigas imagens. Reconheci, nas florestas do Amazonas e sobre os contrafortes dos Andes, que o mesmo sopro anima a mesma vida de um polo a outro, nas pedras, nas plantas, nos animais e no dilatado peito do homem. O sentimento da grande influência de Jena me persegue por toda parte, já que as ideias de Goethe a respeito da natureza me haviam transportado e, por assim dizer, me haviam dotado de novos órgãos (HUMBOLDT, 1980, p. 143, tradução livre⁴).

Dessa perspectiva, a Natureza deixa de ser apenas um objeto a ser estudado de fora para se tornar uma presença com a qual o espírito se identifica, criando um vínculo intenso e prazeroso. Humboldt descreve essa experiência como um “gozo” cósmico, uma volúpia espiritual na qual a compreensão do natural é inseparável da vivência sensível e emocional

(BORNHEIM, 1985). Assim, seu olhar para o mundo natural revela uma busca por uma intimidade quase erótica com o universo, ressoando com o sentimento romântico de que a Natureza é um veículo para a transcendência e para a união profunda entre o humano e o cosmos.

Por fim, pode-se dizer que o Romantismo não foi apenas uma influência temática ou estilística em Humboldt, mas um **modo de ser e pensar o mundo**. Sua escrita (entendida por nós como intrinsecamente geopoética) é inseparável de uma ética do cuidado e da admiração pela diversidade da vida. Como romântico, ele valoriza o particular, o sensível e o subjetivo; como cientista, ele busca dados, padrões e conexões. A genialidade de Humboldt reside justamente em manter essas tensões ativas, forjando um pensamento que é, ao mesmo tempo, rigoroso e inspirado.

Quando entrelaça ciência, sensibilidade e imaginação, Alexander von Humboldt amplia os horizontes do conhecimento natural, e também lança sementes de uma abordagem mais integrada e estética do mundo. Seus estudos, marcados pela observação minuciosa e por uma escuta atenta dos ritmos da Terra, revelam um modo de conhecer que reconhece a interdependência entre os fenômenos naturais e a presença do humano como parte inseparável dessa totalidade viva. Nesse sentido, sua obra continua a inspirar leituras contemporâneas que buscam ultrapassar dicotomias entre razão e emoção, sujeito e mundo, ciência e arte – e é nesse contexto de ressonância que se abre a possibilidade de compreender Humboldt como um precursor involuntário de uma geopoética em gestação.

Para fazer um contraponto, no entanto, há que se problematizar também a imagem de Humboldt no contexto do Romantismo prussiano, mais especificamente, como membro da Corte e figura pública, e o fato desse movimento (o Romantismo) não ter acontecido de maneira uniforme em alguns países. Seguem alguns parágrafos em que contextualizamos, inicialmente as influências que deram origem ao Romantismo da Prússia, e alguns desdobramentos desse movimento. Para iniciar, vamos destacar os processos de instauração do movimento romântico nos cenários francês e alemão.

Na França, o Romantismo desenvolveu-se a partir das tensões entre o legado da Revolução Francesa e as forças conservadoras que emergiram no período napoleônico e da Restauração (GAUTIER, 2023). Ao

contrário do viés fortemente filosófico do Romantismo alemão, o francês assumiu um caráter mais combativo e social, marcado por um engajamento direto com questões políticas e pela ruptura com o classicismo dominante. Escritores e artistas como Victor Hugo (1802-1885), Ferdinand Victor Eugène Delacroix (1798-1863) e Alphonse Marie Louis de Prat de Lamartine (1790-1869) exploraram temas de liberdade, drama histórico e individualidade, transformando a arte em arena de disputa ideológica (GAUTIER, 2023). Segundo Gautier (2023), a estética romântica francesa combinava um lirismo intenso com um gosto pela grandiosidade e pela teatralidade, refletindo um momento em que a imaginação era também instrumento de crítica social e de resistência às tentativas de restabelecer antigas hierarquias.

Já na Prússia, segundo Safranski (2012), o Romantismo entrelaçou-se com a construção de um projeto nacional centralizado e militarizado, mas também com o florescimento de uma vida intelectual vigorosa. A vitória sobre Napoleão Bonaparte (1769-1821) e as reformas subsequentes criaram um ambiente no qual a arte e a filosofia se tornaram veículos para fortalecer a coesão cultural e o espírito patriótico. Pensadores como Hegel, e poetas como Heinrich von Kleist (1777-1811), inseriram o Romantismo em um horizonte de reflexão sobre a história e o destino coletivo, enquanto o Estado prussiano apoiava a produção artística que evocasse valores de disciplina, heroísmo e tradição (SAFRANSKI, 2012). Ainda que tivesse características em comum com o Romantismo desenvolvido em outros países, o caso prussiano possuía uma tonalidade própria, marcada pela fusão entre misticismo estético, racionalidade administrativa e ideais de grandeza nacional.

Nesse contexto, ao falar da figura de Friedrich Wilhelm Christian Karl Ferdinand (1767-1835), irmão mais velho de Alexander, deve-se destacar que ele se projetou como um reformador cultural e educacional, sendo responsável por estabelecer o modelo universitário que integrava pesquisa e ensino. Entretanto, sua trajetória também carrega ações controversas, especialmente pela forma como, em determinados momentos, suas posições se alinharam ao conservadorismo político da Prússia (SAFRANSKI, 2012). Embora defensor da liberdade acadêmica, Humboldt manteve-se conivente com medidas repressivas, incluindo sua participação indireta

em questões diplomáticas que resultaram na expulsão de Karl Marx (1818-1883) da França em 1845 – episódio que evidencia o limite prático de seu liberalismo quando confrontado com ameaças percebidas à ordem política. Esse contraste entre discurso e prática revela como figuras intelectuais do período, mesmo comprometidas com ideais humanistas, podiam operar em harmonia com estruturas de poder que restringiam a própria liberdade que proclamavam (SAFRANSKI, 2012).

O Romantismo alemão, por sua vez, emergiu no final do século XVIII, profundamente influenciado pelo Idealismo e pelo movimento *Sturm und Drang*⁵, que já havia preparado terreno para uma valorização da subjetividade, da imaginação e do sentimento como forças criadoras. Em meio à fragmentação política do Sacro Império Romano-Germânico e às transformações trazidas pela Revolução Francesa, intelectuais como Karl Wilhelm Friedrich von Schlegel (1772-1829), Georg Philipp Friedrich von Hardenberg (Novalis) (1772-1801) e Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling (1775-1854) viam na arte e na filosofia um caminho para a unificação espiritual e cultural da nação (SAFRANSKI, 2012). A estética romântica na Alemanha, fortemente vinculada à filosofia kantiana e ao pensamento de Johann Gottlieb Fichte (1762-1814), buscava expressão individual e revelação de uma unidade cósmica, na qual o ser humano se reconhece como parte orgânica de um todo infinito. Nesse contexto, o Romantismo era um projeto filosófico e político de reconstrução simbólica da identidade alemã (SAFRANSKI, 2012).

Esse contexto foi marcado por uniões, mas também por rupturas com relação à concepção do movimento. Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), junto de Schelling e Johann Christian Friedrich Hölderlin (1770-1843), escreveu o *Das älteste Systemprogramm des deutschen Idealismus* (O Mais Antigo Programa do Idealismo Alemão), um manifesto que ajudou a fundar o movimento, contudo, com o passar dos anos, separou-se de seus colegas, acusando-os de terem atitudes cheias de arbitrariedade e bastante subjetivistas. O afastamento dessas três figuras foi pessoal, teórico e político (SAFRANSKI, 2012).

Segundo Safranski (2012), enquanto Schelling defendia uma filosofia mais intuitiva, voltada à revelação imediata da unidade entre natureza e espírito, Hegel desenvolvia um sistema dialético em que a razão e o

processo histórico assumiam papel central. Para ele, a liberdade não se realizava em uma fusão mística com o absoluto, mas na mediação racional entre indivíduo e Estado. Essa ênfase em uma estrutura conceitual rigorosa o afastou tanto da poesia metafísica de Hölderlin quanto da especulação romântica de Schelling. O resultado foi que Hegel se tornou, ao mesmo tempo, herdeiro e crítico do Romantismo: apropriou-se de sua valorização da totalidade, mas a traduziu em um sistema filosófico que colocava a história e a racionalidade como motores da realização humana, o que implicava um posicionamento mais alinhado ao projeto político prussiano do que à utopia romântica original (SAFRANSKI, 2012).

Para discutir o (des)alinhamento dessas três ocorrências do Romantismo, citamos Henri Lefebvre (1957) que, ao examinar as relações entre estética, ideologia e espaço social, enxergou no Romantismo não apenas um movimento de libertação criativa, mas também um veículo de reprodução de valores dominantes. Para ele, o Romantismo, sobretudo em sua apropriação estatal (como no caso prussiano), frequentemente afastou-se de seu potencial emancipatório, tornando-se um discurso que encobria práticas de disciplinamento social e consolidação de hierarquias. Lefebvre (1957) denunciou o risco de a imaginação e a sensibilidade estética serem instrumentalizadas como ornamentos para legitimar ordens políticas conservadoras, transformando a arte e a filosofia em peças de um aparato ideológico. Ao problematizar essa contradição, esse autor recoloca o Romantismo no campo das disputas políticas e culturais, rompendo com a imagem puramente idealizada que muitas leituras tradicionais sustentam.

3.2 Conceituando Geopoética: noções para entender as contribuições de Humboldt à área

A geopoética opera na intersecção do espaço geográfico e da expressão criativa humana, abrangendo dimensões intelectuais e artísticas de como as pessoas interagem e interpretam espaços físicos (BURTSEVA, 2018). Como um campo de estudo, ela atende a múltiplos propósitos, funcionando tanto como um projeto cultural voltado para moldar narrativas territoriais quanto como uma metodologia de pesquisa para examinar a interação entre escrita criativa e espaços geográficos (KUZMINA, 2018).

A natureza transdisciplinar da geopoética a torna uma plataforma para entender como nós humanos damos sentido e representamos nosso ambiente espacial, em uma abordagem que combina a criação artística e literária, oferecendo interpretações sobre como a humanidade percebe, vivencia e documenta sua relação com espaços físicos. Kenneth White é amplamente reconhecido como o fundador do conceito de geopoética, estabelecendo-o como um campo que une poesia, filosofia e ciência (BOGOMYAKOV, 2017). A visão de White para a geopoética estava enraizada em sua crença de que a poética mais profunda emergia do contato direto com a Terra e do envolvimento com o espaço biosférico (KOCOT, 2020).

A abordagem de White enfatizou que a geopoética não deveria ser confinada ao reino da ecologia profunda ou vista meramente como uma escola literária. Em vez disso, ele posicionou-a como um movimento que aborda aspectos fundamentais da existência humana na Terra (KOCOT, 2020). O movimento ganhou apoio teórico do geocrítico francês Bertrand Westphal (1962-presente), que destacou o foco da geopoética na interconexão entre biosfera, poesia e poética, ao mesmo tempo em que enfatizou suas perspectivas ecológicas e globais (BELLARSI; RAUSCHER, 2019).

A geopoética, enquanto campo teórico e prático, pode dar suporte teórico a diferentes perspectivas. Trabalhos recentes têm aplicado o escopo dessa pária do conhecimento para pensar as relações humanas com diferentes âmbitos, como é o caso de Wendt e Valandro (2025), que apresentaram a geopoética como resposta aos desafios do Antropoceno, buscando ressignificar a relação humana com o seu meio para promover maior consciência ambiental e práticas sustentáveis em um contexto de crise climática; e, em outro momento, Wendt e Valandro (2025) também debateram como as escrevivências e a geopoética, quando interpretadas sob uma abordagem pós-qualitativa, podem atuar tanto como um recurso de sensibilização para a transformação de práticas cotidianas quanto como um meio de superação possibilitado pela escrita, especialmente no contexto de pessoas afetadas por desastres ambientais.

Embora o termo “geopoética” só tenha sido cunhado muito tempo depois de Humboldt publicar suas pesquisas, é possível identificar na obra do estudioso um espírito alinhado com seus princípios fundamentais. Sua abordagem integradora da natureza, que articula ciência, sensibilidade

estética e um olhar atento às interações entre seres humanos e ambientes naturais, ressoa com a perspectiva transdisciplinar da geopoética. Humboldt, ao transitar entre observação científica rigorosa e uma percepção poética da paisagem, antecipou a ideia de que o território⁶ não é só um objeto geográfico, sendo também um cenário carregado de significados e experiências que vão além da mera descrição empírica, o que é evocado a partir da concepção de paisagem defendida pelo autor (*Naturgemälde*). Na sequência, destacamos uma ilustração do naturalista (figura 2) que exemplifica este conceito.

Figura 2

IDEIAS PARA UMA GEOGRAFIA DE PLANTAS E UMA HISTÓRIA NATURAL DE PAÍSES TROPICAIS



Fonte: Biblioteca Central de Zurique (2013).

Essa ilustração, criada por Alexander von Humboldt em 1807, representa de forma visual sua visão integrada da natureza. No desenho, ele esquematiza o Monte Chimborazo, no Equador, mostrando como diferentes espécies de plantas, condições climáticas e fenômenos geográficos organizam-se em faixas altitudinais. Mais que uma simples representação científica, o *Naturgemälde* expressa a tentativa de Humboldt de unir ciência, estética e sensibilidade, revelando a natureza como um organismo vivo e interconectado.

Para Humboldt, o ambiente não é um agrupamento isolado de elementos, pelo contrário, é um todo coeso e harmonioso, no qual cada componente ganha significado por sua relação com os demais. Ao contemplar uma paisagem, percebe-se uma entidade viva, cuja beleza e cujo sentido emergem da variedade de seus elementos, assim como da complexa rede de forças que os mantém em equilíbrio. Nestas condições, em sua obra *Kosmos*, Humboldt (2005) defende que o verdadeiro conhecimento da natureza demanda uma visão integrada, que ultrapasse a análise fragmentada e busque captar o princípio vital que sustenta o conjunto.

O explorador sente na paisagem uma mensagem silenciosa que ressoa na alma – uma linguagem que fala diretamente à intuição. A observação das montanhas, dos rios, plantas e animais revela uma harmonia intensa, que vai além da percepção superficial, convidando o observador a uma conexão quase espiritual com o ambiente natural. Nesse processo, a paisagem se transforma em uma localização de saber, onde o rigor científico e a sensibilidade emocional se entrelaçam e se complementam.

Outro aspecto marcante na obra humboldtiana que dialoga com a geopoética é seu reconhecimento do papel da linguagem e da representação na construção do entendimento sobre o ambiente. Ele sabia que a escrita, os relatos de viagem e as descrições detalhadas não eram apenas registros de fatos, mas também operavam como formas de interpretar e dar sentido ao espaço vivido. Essa consciência sobre o poder da expressão criativa e intelectual na relação com a Terra aproxima seu pensamento do que mais tarde seria defendido por teóricos da geopoética, para quem a interação entre escrita, arte e espaço é fundamental para revelar as múltiplas dimensões da experiência humana no planeta.

Por fim, Humboldt incorporou uma visão ecológica e holística do mundo que ultrapassa as fronteiras disciplinares e reflete o que a geopoética hoje reivindica como uma conexão profunda entre biosfera, cultura e poética. Sua percepção do cosmos como uma rede viva e interconectada, na qual a geografia, a história, a ciência e a arte convergem, cria um panorama que incentiva um olhar mais sensível e criativo para o espaço geográfico e natural. Essa visão, ao conjugar saberes e emoções, abre caminho para uma compreensão da Terra que é simultaneamente científica, filosófica e poética, exatamente como propõe a geopoética contemporânea.

4. Analisando os achados à luz da geopoética

O **movimento do Romantismo** teve uma influência na obra e na vida de Alexander von Humboldt, moldando sua visão da natureza e sua abordagem à ciência, uma vez que Humboldt acreditava que a resposta ao mundo natural deveria ser baseada nos sentidos e nas emoções, não apenas na medição e na análise. Ele buscava instigar o “amor à natureza”, valorizando a experiência em primeira mão e a vivência da natureza por meio dos sentimentos, em uma época em que outros cientistas buscavam leis universais (WULF, 2016). Compreende-se que essa visão romântica o levou a combinar a observação científica rigorosa com a percepção individual e a subjetividade.

Nestas condições, Humboldt representou um elo entre a visão mecanicista da natureza, promulgada por cientistas como Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), René Descartes (1596 -1650) e Isaac Newton (1643-1727), e a poesia dos românticos. Ele criticava a “seca compilação de fatos” e o “empirismo cru”, buscando uma compreensão mais holística e integrada da natureza. Essa rejeição do mecanicismo o levou a valorizar a imaginação e a emoção como ferramentas para entender o mundo natural. O Romantismo valorizava a percepção individual e a subjetividade, e Humboldt incorporou essa visão em seu trabalho científico. Ele acreditava que as experiências emocionais e as lembranças eram partes essenciais da compreensão da natureza. Sua obra demonstra uma combinação de dados científicos exatos, uma preocupação constante em seus materiais, com uma resposta emocional ao que ele estava vendo (WULF, 2016).

Além disso, enquanto investigador, Humboldt **unia a arte e a ciência**. Influenciado por Johann Wolfgang von Goethe (1749-1883), que acreditava no casamento entre arte e ciência, a amizade com o primeiro e o contato com as ideias do filósofo alemão Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling o levaram a abrir a porta para a subjetividade na ciência. Humboldt nunca se esqueceu de que Goethe o incentivou a combinar natureza e arte, fatos e imaginação. Essa integração entre arte e ciência pode ser vista em suas obras, como “Quadros da Natureza”, onde ele evoca a beleza e a emoção da natureza por meio de descrições poéticas. A importância da poesia para entender os mistérios do mundo natural fica evidente na dedicatória do “Ensaio sobre a geografia das plantas” a Goethe (WULF, 2016).

O conceito de natureza de Humboldt, influenciado pelo Romantismo prussiano, era de um organismo em que todas as partes funcionavam em relação umas com as outras. Essa visão holística da natureza o levou a ver conexões entre todos os aspectos do mundo natural, desde o clima e a geografia até a vida selvagem e a cultura humana. Humboldt entendia a natureza como uma “profusão universal” na qual a vida está distribuída por toda parte. Ele acreditava que tudo emanava de uma única fonte e se amalgamava em uma força eterna e abrangente (WULF, 2016).

Humboldt via o mundo natural de uma maneira profundamente inovadora e influenciada tanto pela ciência quanto pelo movimento romântico. Sua visão ia além da mera observação e análise, buscando compreender a natureza como um todo interconectado e dinâmico. Ele não a via como uma coleção de elementos separados, mas sim como uma teia de vida global.

Ele acreditava que “nenhuma causa ou efeito poderia ser considerado de forma isolada”. Não via as plantas e os animais apenas como espécimes, mas como parte de uma «rede entrelaçada de vida». Essa perspectiva levou-o a estudar as relações entre plantas, clima e geografia. A filosofia científica de Humboldt foi revolucionária em sua integração da observação empírica com uma compreensão mais ampla da interconexão da natureza. Sua abordagem foi distinguida pela coleta sistemática de dados quantitativos combinados com uma apreciação das relações complexas entre diferentes fenômenos naturais (BROWN; CARNAVAL, 2019; KEPPEL; KREFT, 2019). Em vez de estudar fenômenos isoladamente, Humboldt buscou entender como múltiplos fatores – incluindo temperatura, umidade, radiação solar e condições do solo – trabalhavam juntos para influenciar os sistemas naturais (DEBARBIEUX, 2012).

Humboldt enxergava a natureza como uma força global, com zonas climáticas correspondentes cruzando os continentes. Ele percebia que havia uma “unidade na variedade”, com elementos semelhantes surgindo em diferentes partes do mundo devido a fatores climáticos e geográficos. Humboldt via a Terra como um único e imenso organismo vivo no qual tudo estava conectado. Essa visão o levou a aplicar a ideia de forças que atuam nos organismos à natureza em um nível muito mais amplo.

A estrutura conceitual de Humboldt foi construída em torno da ideia de “Cosmos” – uma visão abrangente da natureza que incluía não apenas elementos físicos e biológicos, mas também suas interações com a sociedade humana e o universo mais amplo (KLEINHANS, 2021). Ao contrário de muitos de seus contemporâneos, ele reconheceu a necessidade de “forças vitais” adicionais além das puramente físicas para explicar fenômenos biológicos, antecipando a compreensão moderna da complexidade do ecossistema (KLEINHANS, 2021). Sua abordagem filosófica visava a criar uma ciência sistemática que pudesse capturar o desenvolvimento progressivo do planeta, mantendo a sensibilidade às dimensões estéticas da natureza (FETZ, 2017).

Humboldt acreditava que a resposta ao mundo natural deveria basear-se nos sentidos e nas emoções, não apenas na medição e na análise. Ele buscava instigar o “amor à natureza” e defendia que ela fosse conhecida em primeira mão, vivenciada por meio dos sentimentos. Ele criticava a visão puramente mecanicista da natureza, que a via como uma máquina bem azeitada, defendendo que a imaginação era tão necessária quanto o pensamento racional para a compreensão do mundo natural. Ele se opunha à “seca compilação de fatos” e ao “empirismo cru”, buscando uma compreensão mais holística

Influenciado por Goethe, Humboldt acreditava na união entre arte e ciência. Ele valorizava os romances e poemas como formas de conhecimento tão válidas quanto as descobertas científicas, e defendia que a natureza fosse compreendida por meio da poesia e da imaginação. Um aspecto único da filosofia científica de Humboldt era sua crença em combinar investigação científica metódica com apreciação estética. Ele desenvolveu o que chamou de “nova ciência” que unificou a medição científica com a expressão artística e literária, argumentando que o conhecimento científico poderia ser tanto metodologicamente rigoroso quanto esteticamente agradável (FETZ, 2017). Essa abordagem ficou evidente em sua obra “Views of Nature”, que demonstrou como ferramentas artísticas e estéticas poderiam contribuir para a compreensão universal das forças naturais.

Para Humboldt, a natureza não era estática, mas sim um sistema dinâmico em constante mudança. Ele estava interessado nas transições, renovações e nos “passos intermediários” que podem ser encontrados nos registros fósseis.

Ele foi um dos primeiros a reconhecer o impacto da ação humana no meio ambiente. Ao observar os efeitos do desmatamento no lago de Valência, ele se tornou um dos primeiros cientistas a falar sobre as mudanças climáticas causadas pelo homem e a alertar sobre seu potencial de destruição. Ele notou que “o homem não pode agir sobre a natureza e não pode apropriar-se de nenhuma de suas forças para uso próprio se ele não conhecer as leis naturais”

Em vez de focar em detalhes isolados, Humboldt procurava enxergar o todo e as conexões entre os diferentes elementos da natureza. Essa perspectiva global e integrada o levou a fazer descobertas importantes em diversas áreas do conhecimento.

5. Considerações para seguir pensando geopoeticamente

Inegavelmente o movimento e o ideais românticos influenciaram profundamente a obra de Humboldt, levando-o a valorizar os sentidos e emoções na compreensão da natureza, a rejeitar uma visão puramente mecanicista, a integrar arte e ciência, a entender a natureza como um todo interconectado e a reconhecer a importância da subjetividade na experiência científica. Ele foi um elo entre o Iluminismo e o Romantismo, unindo o rigor científico com a sensibilidade artística.

É possível inferir que Alexander von Humboldt tinha uma visão geopoética da natureza, combinando elementos da geografia, da ciência e da poética em sua abordagem. Essa perspectiva é evidente em vários aspectos de sua obra e seu pensamento. A começar pelo fato de que Humboldt não via a ciência e a arte como campos separados, mas como complementares. Ele acreditava que a verdadeira compreensão da natureza exigia tanto a observação científica rigorosa quanto a sensibilidade poética.

Para Humboldt, a experiência direta da natureza, através dos sentidos e emoções, era essencial para a sua compreensão. Ele não se contentava com a mera medição e análise, mas buscava vivenciar a natureza em primeira mão, absorvendo suas paisagens, seus sons e cheiros. Essa abordagem sensorial é característica de uma visão geopoética, que valoriza a experiência pessoal e emocional do lugar⁷, numa argumentação pelo fato de que a natureza deveria ser conhecida através do sentimento.

Humboldt descrevia a natureza com uma linguagem poética e vívida, ressaltando sua beleza, sua majestade e seu mistério: via a natureza como um espetáculo grandioso, capaz de despertar admiração e encantamento. Essa visão é evidente em suas descrições de paisagens, como aquelas de Chimborazo e os Llanos, que evocam uma sensação de maravilha e transcendência. Em “Quadros da Natureza”, ele mostrou como a natureza podia exercer enorme influência na imaginação das pessoas

A visão de Humboldt era profundamente marcada pela ideia de interconexão, compreendendo a natureza como uma teia de vida global, onde todos os elementos estavam interligados e eram interdependentes. Essa compreensão sistêmica é potente para a visão geopoética, que procura entender o mundo como um todo integrado. Para Humboldt, “tudo é interação e reciprocidade”.

Ao contrário da objetividade “fria” de outros cientistas de seu tempo, Humboldt abraçava a subjetividade na sua abordagem da ciência. Ele reconhecia que a compreensão da natureza era moldada pelas nossas percepções e emoções, e que o “eu” desempenha um papel sumário na relação humana com o mundo. Essa perspectiva subjetiva é um elemento central da visão geopoética, que valoriza a experiência pessoal e emocional na interpretação do espaço.

Para Humboldt, a natureza era uma fonte inesgotável de inspiração, tanto para a ciência quanto para a arte. Ele acreditava que a contemplação da natureza era capaz de despertar a imaginação e a criatividade humanas. Ele também via a natureza como um reflexo do todo.

A visão geopoética de Humboldt também incluía uma profunda preocupação com a preservação da natureza, reconhecendo o impacto da ação humana sobre o meio ambiente e alertando para as consequências negativas da exploração desenfreada. Essa consciência ambiental, conceito que também vai se desenvolver no pensamento ocidental muito tempo depois, é um elemento importante de sua visão da natureza, que busca harmonizar a relação entre o homem e o mundo natural.

Humboldt descrevia a natureza e buscava interpretá-la através de uma lente que unia a razão e a emoção, a ciência e a arte. Essa abordagem singular o tornou um dos mais influentes pensadores de sua época e continua a inspirar uma nova forma de ver e interagir com o mundo natural de forma geopoética.

Notas

- ¹ Em *Kosmos*, Alexander von Humboldt concebe o espaço não como simples extensão geométrica, mas como uma totalidade viva e interconectada, na qual fenômenos naturais (clima, relevo, vegetação, magnetismo ou estrelas) se articulam em rede. Essa noção ultrapassa o cálculo científico: o espaço é também experiência sensível e estética, algo que se contempla, se sente e se narra. Humboldt entrelaça observação empírica, medição e arte para compor uma visão cosmográfica unificada, na qual o micro e o macro se correspondem e revelam a unidade da natureza. Dessa forma, o espaço em *Kosmos* é simultaneamente campo de relações, objeto de ciência e cenário poético, refletindo sua ambição de unir conhecimento racional e experiência estética em uma mesma narrativa do mundo.
- ² A imagem pode ser conferida no original aqui.
- ³ Carl Ritter (1835), mais precisamente em sua obra *Die Erdkunde im Verhältnis zur Natur und zur Geschichte des Menschen* (A geografia na relação com a natureza e a história do homem, em tradução livre), entende que o conceito de paisagem fazia parte de uma categoria descritiva, voltada ao empírico e ao visível, organizada pela observação sistemática. Ele diferia de Humboldt, que a entendia como síntese dinâmica das relações naturais e humanas. Ritter privilegiava o registro e a ordenação dos elementos observáveis, concepção que lançou bases para uma Geografia descritiva e classificatória. Humboldt (2005), por sua vez, buscou ampliar esse olhar, entendendo a paisagem como síntese dinâmica das interações naturais e humanas. Assim, o primeiro enfatiza a classificação descritiva, enquanto o segundo privilegia a totalidade relacional.
- ⁴ No original: *A pesar de las moles de montañas y los mares y, más alta y más profunda aún que ellas, de la evocación de una naturaleza casi asombrosamente viva, entre hoy día y ese tiempo; a pesar de los mil fenómenos e imágenes que ocupan mis sentidos, lo nuevo se tornaba en seguida familiar y lo que parecía exteriormente desconocido se adaptaba fácilmente a las antiguas imágenes y he reconocido en los bosques del Amazonas, y sobre los contrafuertes de los Andes, que el mismo soplo anima la misma vida de un polo a otro en las piedras, en las plantas, en los animales y en el dilatado pecho del hombre. El sentimiento de la gran influencia de Jena me persigue por todas partes, ya que las ideas de Goethe respecto a la naturaleza me habían transportado y, por así decir, me dotaron de nuevos órganos.*
- ⁵ *Sturm und Drang* (em alemão, literalmente “Tempestade e Ímpeto”) foi um movimento literário, artístico e filosófico que surgiu na Alemanha entre 1760 e 1780. Marcado pela exaltação da subjetividade, da emoção e da liberdade criativa, opôs-se ao racionalismo iluminista e às regras rígidas do neoclassicismo. Os autores do movimento valorizavam o gênio individual, a expressão intensa dos sentimentos, a natureza como força grandiosa e a rebeldia contra convenções sociais e políticas (SAFRANSKI, 2012).
- ⁶ Em *Philosophie zoologique*, Lamarck (1994) apresenta o conceito de *milieu*, ou meio, entendido como o ambiente em que os seres vivos existem e do qual se apropriam vitalmente. Para o autor, os organismos não apenas habitam o meio, mas interagem com ele de maneira ativa, adaptando-se e transformando-se em função das condições ambientais. Nesse sentido, o território não é apenas um espaço físico estático, mas uma relação dinâmica entre organismo e ambiente, marcada por uso, apropriação e influência recíproca (LAMARCK, 1994). Esse olhar possibilita compreender o espaço como algo vivo e relacional, antecipando discussões posteriores sobre ecologia, Geografia e relações humanas com o espaço. Tal ideia relaciona-se com os ideais de Humboldt porque ambos entendem que o território configura um espaço dinâmico e relacional.
- ⁷ Para Herder (2017), o lugar vai além de um espaço geográfico, sendo portador da singularidade cultural de uma comunidade. Em sua obra *Ideen zur Philosophie der Geschichte der Menschheit* (Ideias para a filosofia da história da humanidade em tradução livre), ele defende que cada lugar carrega histórias, tradições e modos de vida que conferem sentido vivo e experiencial às pessoas que nele habitam. O lugar é, portanto, uma realidade subjetiva e coletiva, onde cultura, memória e identidade entrelaçam-se, moldando a percepção e as práticas humanas (HERDER, 2017). Nessa perspectiva, compreender um lugar implica valorizar não apenas suas características físicas, mas a experiência concreta e afetiva de quem o vive, reconhecendo o laço íntimo entre território, cultura e identidade, o que também está intrinsecamente descrito nas obras de Humboldt.

Referências

BAUAB, Fernando Pedroso. Romantismo e natureza em Humboldt: um breve debruçar analítico. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 1, n. 21, p. 124-133, 2020. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7272>. Acesso em: 23 maio 2025.

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BELLARSI, Franca Anika; RAUSCHER, Judith. Toward an ecopoetics of randomness and design: an introduction. **Ecozon@**, Madri, v. 10, n. 1, abr. 2019. Disponível em: <https://ecozona.eu/article/view/3066/4028>. Acesso em: 23 maio 2025.

BOGOMYAKOV, Vladimir Gennadyevich. Contemporary geopoetics in the context of the formation of a new geospatial discourse. **Rupkatha Journal on Interdisciplinary Studies in Humanities**, Tiumen, v. 8, n. 4, p. 106-111, jan. 2017. Disponível em: <https://rupkatha.com/V8/n4/v8n412.pdf>. Acesso em: 23 maio 2025.

BORNHEIM, Gerd. A filosofia do romantismo. In: GUINSBURG, Jacó. **O Romantismo**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1985. p. 75-112.

BROWN, Jason L.; CARNAVAL, Ana C. A tale of two niches: methods, concepts, and evolution. **Frontiers of Biogeography**, v. 11, n. 4, 2019. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/5gc3c3pj#main>. Acesso em: 23 maio 2025.

BURTSEVA, Zhanna Valer'evna. Geopoetics of the north: the literature of the indigenous peoples of the north of Yakutia. **Journal of History Culture and Art Research**, v. 7, n. 4, p. 75-84, nov. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/330146976_Geopoetics_of_the_North_The_Literature_of_the_Indigenous_Peoples_of_the_North_of_Yakutia. Acesso em: 23 maio 2025.

DEBARBIEUX, Bernard. The various figures of mountains in Humboldt's science and rhetoric. **Cybergeog**: European Journal of Geography, maio 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cybergeog/25488>. Acesso em: 23 maio 2025.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FETZ, Marcelo. Negotiating boundaries: Encyclopédie, romanticism, and the construction of science. **História, Ciências, Saúde**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p.645-663, jul./set. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/Cx4rp9jr3RBTj8CzHwhY6ww/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 23 maio 2025.

GAUTIER, Théophile. **Histoire du Romantisme**. Paris: Homme et Littérature, 2023.

HARTSHORNE, Richard. The nature of geography: A critical survey of current thought in the light of the past. **Annals of the Association of American geographers**, v. 29, n. 3, p. 173-412, 1939. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/214/o/Livro-The_Nature_of_Geography.pdf. Acesso em: 23 maio 2025.

HERDER, Johann Gottfried. **Ideen zur Philosophie der Geschichte der Menschheit [1784–1791]**. Viena: Hofenberg, 2017.

HUMBOLDT, Alexander von. **Cartas Americanas**. Compilação de Charles Minguet. Tradução Marta Traba. Caracas: Ediciones de la Biblioteca Ayacucho, 1980.

HUMBOLDT, Alexander von. **Cosmos**: o ensayo de una descripción física del mundo – 2 vol. Córdoba: Altilis. 2005.

HUMBOLDT, Alexander von. **Quadros da Natureza - vol. I**. Tradução revista de Assis de Carvalho. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc., 1957.

IDEEN zu einer Geographie der Pflanzen nebst einem Naturgemälde der Tropenländer [1807]. **Biblioteca Central de Zurique**, 27 fev. 2013. Disponível em: https://de.wikipedia.org/wiki/Alexander_von_Humboldt#/media/Datei:Zentralbibliothek_Z%C3%BCrich_-_Ideen_zu_einer_Geographie_der_Pflanzen_nebst_einem_Naturgem%C3%A4lde_der_Tropenl%C3%A4nder_-_000012142.jpg. Acesso em: 23 maio 2025.

KEPPEL, Gunnar; KREFT, Holger. Integration and synthesis of quantitative data: Alexander von Humboldt's renewed relevance in modern biogeography and ecology. **Frontiers of Biogeography**, v. 11, n. 2, abr. 2019. Disponível em; https://www.researchgate.net/publication/333977668_Integration_and_synthesis_of_quantitative_data_Alexander_von_Humboldt's_renewed_relevance_in_modern_biogeography_and_ecology. Acesso em: 23 maio 2025.

KLEINHANS, Maarten G. Knowing the whole world from the top of a mountain: from orderly systematization to complex explanatory systems. **Earth Ar Xiv**, Utrecht, v. 4, jun. 2021. Disponível em: <https://eartharxiv.org/repository/view/2501/>. Acesso em: 23 maio 2025.

KOCOT, Monika. Writing the road: on drifting and travelling-seeing in Kenneth White's geopoetics. **Anglica**, Varsóvia, n. esp., mar. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.7311/0860-5734.29.3.04>. Acesso em: 23 maio 2025.

KUZMINA, Erika. Geopoetical analysis of Livonia during the great northern war based on *The Last Novik* – a historical novel by Ivan Lazhechnikov. **Journal of Literature and Art Studies**, Varsóvia, v. 8, n. 3, p. 378-383, mar. 2018. Disponível em: <https://www.davidpublisher.com/Public/uploads/Contribute/5a96768c5991b.pdf>. Acesso em: 23 maio 2025.

LAMARCK, Jean-Baptiste. **Philosophie zoologique [1809]**. Paris: Editions Flammarion, 1994.

LEFEBVRE, Henri. **Le romantisme révolutionnaire**. 11. ed. Paris: La Nef de Paris éditions, 1957.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru: EDUSC, 1999.

RICOTTA, Lúcia. **Natureza, ciência e arte em Alexander von Humboldt**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

RITTER, Carl. **Die Erdkunde im Verhältniss zur Natur und zur Geschichte des Menschen, oder allgemeine vergleichende Geographie [1817]**. Reimer: Berlin, 1835

SAFRANSKI, Rudiger. **Romantismo**: uma questão alemã. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlo Fernández; LUCIO, María del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

STAKE, Robert E. **The art of case study research**. Thousand Oaks: Sage, 1995.

VALANDRO, Jean Michel; WENDT, Lucas George. Corpo-paisagem: geopoéticas do viver e narrativas do espaço. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DIÁLOGOS NA CONTEMPORANEIDADE: por outros modos de pensar a vida, a terra e o nosso jeito de estar no mundo, 9., Lajeado, 2025. **Anais [...]**. Lajeado: Editora da Univates, 2025. p. 212-223. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/394534099_Corpo-paisagem_geopoeticas_do_viver_e_narrativas_do_espaco. Acesso em: 24 agosto 2025.

VITTE, Antonio Carlos; SILVEIRA, Roberison Wittgenstein Dias da. Considerações sobre os conceitos de natureza, espaço e morfologia em Alexander von Humboldt e a gênese da geografia física moderna. **História, Ciência, Saúde**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 607-626, jul./set. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/yv554GBmwcHWDdwJnBnKWFS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 maio 2025.

WALLS, Laura Dassow. **The passage to Cosmos**: Alexander von Humboldt and the shaping of America. Chicago: University of Chicago Press, 2009.

WENDT, Lucas George; VALANDRO, Jean Michel. O despertar geopoético como um disparador para ressignificar a relação humano-natureza no antropoceno do Rio Grande do Sul, Brasil. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DIÁLOGOS NA CONTEMPORANEIDADE: por outros modos de pensar a vida, a terra e o nosso jeito de estar no mundo, 9., Lajeado, 2025. **Anais [...]**. Lajeado: Editora da Univates, 2025. p. 149-162. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/394534464_O_despertar_geopoetico_como_um_disparador_para_reassignificar_a_relacao_humano-natureza_no_antropoceno_do_Rio_Grande_do_Sul_Brasil. Acesso em: 24 ago. 2025.

WULF, Andrea. **A invenção da natureza**: a vida e as descobertas de Alexander von Humboldt. São Paulo: Crítica, 2016.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman Editora, 2015.

Recebido em 31/05/2025

Aceito em 06/10/2025